

HIV em idosos



O número de casos de infecção pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) em idosos no Brasil cresceu vertiginosamente nos últimos anos.

Números no Brasil:

Entre 1980 e 2001, o número de pessoas acima de 60 anos com diagnóstico da infecção foi de 5.410; e entre 2002 e 2014, foi de 17.861. Esses dados estimam que, em um período de 21 anos, houve uma incidência média de 257,61 casos por ano, enquanto que no período subsequente de 12 anos essa incidência saltou para 1.488,41 casos por ano, o que corresponde a uma variação de 577,77%.

Como podemos explicar aumento tão significativo? Para isso, é preciso realizar análise sociocultural e demográfica em busca de fatores correlatos aos indicadores em questão. Primeiramente, o Brasil coloca-se em destaque em relação ao envelhecimento populacional, tendo entre 1950 e 2025 um aumento esperado de 15 vezes o número de idosos, se comparado à década de 1950. Assim, aumenta-se não só a probabilidade desta população adquirir o HIV, mas também se espera que a prevalência no grupo etário receba os casos já diagnosticados em indivíduos mais jovens.

O padrão de comportamento é outro fator importante!

Os avanços médicos no tratamento das disfunções sexuais masculinas e femininas permitem aumento na atividade sexual e favorecem o comportamento de risco. Um estudo em grupo de idosos do Rio Grande do Sul evidenciou que 86,3% não utilizavam preservativo. Observações qualitativas, empíricas, nos permitem confirmar a resistência ao uso de camisinha nas relações sexuais tanto pelo fator de confiança em parceiros de longa data quanto por pensamentos distorcidos, como "o uso de camisinha é coisa de gente promíscua" ou "a aids é uma punição divina", corriqueiros na prática assistencial.

Por fim, observamos que há ainda uma dificuldade em mudança de paradigma e quebra do estereótipo do segmento no qual o HIV foi descoberto há mais de 30 anos. A população ainda correlaciona, e muitas vezes restringe, a imagem do HIV com o segmento afetivo, aumentando a permissividade ao comportamento de risco e à negligência dos profissionais de saúde. De fato, um estudo de Minas Gerais concluiu que os estigmas e preconceitos vinculados ao HIV e à sexualidade da pessoa idosa estiveram intimamente presentes no processo de trabalho dos profissionais de saúde entrevistados, impactando o tratamento e interferindo nos processos de saúde e adoecimento da população idosa, com especial atenção ao HIV.

É preciso que sejam produzidas campanhas adequadas às peculiaridades deste grupo etário, levando em consideração os fatores expostos, para que tanto os idosos quanto os profissionais que cuidam deles conscientizem-se em relação a este problema de saúde pública atual.

Fábio Tabalipa | CRM-SC 20073 | Médico da Equipe de Atenção Integral à Saúde

Referências:

BRASIL. Ministério da Saúde. Boletim epidemiológico: aids e DST. Brasília: 2014. Ano III, nº 01.

Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pt-br/centrais-de-conteudos/boletins-epidemiologicos-vertical>>.

CLOSS V.E.; SCHWANKE C.H.A. A Evolução do Índice de Envelhecimento no Brasil, nas suas Regiões e Unidades Federativas no Período de 1970 a 2010. Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia [Internet]. 2012. 15 (3): 443-458. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbagg/v15n3/v15n3a06.pdf>>.

Acesso em: 01 nov. 2017.

CASSETTE J.B. et al. HIV/aids em idosos: estigmas, trabalho e formação em saúde. Rev. Bras. Geriatr. Gerontol., Rio de Janeiro, 2016; 19(5):733-744.

NOVO HAMBURGO PORTAL DE NOTÍCIAS. Idosos sabem pouco sobre AIDS.

Disponível em: <<http://novohamburgo.org/site/queromais/reportagens/2007/01/10/3idade-aids/>>.

Acesso em: 01 nov. 2017.